

o alforge

ao serviço dos valores e da comunidade

boletim (in)formativo

www.oalforge.pt

número 23

setembro 2020

Arciprestado Seia - Gouveia

distribuição gratuita

Ecologia Integral:

*um caminho de vida e de cura
para um planeta doente!*

**O CUIDADO COM A CASA COMUM EXIGE A CONSCIÊNCIA DE VIVER NUM MUNDO PARA TODOS, DE UM PROJETO COMUM E DE AÇÕES MUNDIALMENTE CONSENTIDAS QUE SE REFEREM AO USO DA TERRA, DA ÁGUA, DA ENERGIA, DAS FLORESTAS E DO TRABALHO...
FORTALECE A FRATERNIDADE HUMANA, LEMBRA A VOCAÇÃO ESCATOLÓGICA QUE PROMETE RENOVAR TODAS AS COISAS.**



“Todos nós podemos cooperar como instrumentos de Deus para o cuidado da criação, cada um de acordo com sua própria cultura, experiência, capacidade e talento”. (LS, 14)

O Papa convida-nos a cuidar da casa comum



Manuel Rocha Felício
Bispo da Guarda

Estão cumpridos 5 anos passados depois da publicação da encíclica do Papa Francisco sobre a ecologia integral, com o título de “Laudato Si”.

Encontramos, nesta encíclica, propostas concretas e muito clarividentes sobre os novos comportamentos que as pessoas e as instituições, incluindo os governos, precisam de assumir com coragem para a vida humana na terra ser sustentável.

Convida-nos a considerar o que é uma ecologia integral e empenharmo-nos conjuntamente na sua promoção. Essa ecologia

integral, que é decisiva para a vida humana na terra, envolve a componente ambiental, mas também a economia e a vida em sociedade, com seus hábitos e tendências, incluindo a própria cultura, em ordem a podermos construir conjuntamente o Bem Comum.

Essa ecologia integral, que é decisiva para a vida humana na terra, envolve a componente ambiental

Pelo meio ficam recomendações concretas sobre procedimentos da vida quotidiana também decisivos para a sustentabilidade do planeta e ainda a lembrança de que em todo este processo está em causa a justiça intergeracional. Sim, porque temos de saber ordenar e usar os recursos da natureza a pensar em todos e cada um dos sete mil milhões de seres humanos que hoje habitam o planeta, com as suas condições de vida diferentes e também naqueles que no futuro virão habitá-lo, com direito a tomar parte nos mesmos recursos.

Cabe-nos a nós gerir bem os recursos que são

colocados à nossa disposição e são limitados.

O respeito pela realidade da natureza e pelos princípios que a devem regular implica a coragem de modificar hábitos e reverter comportamentos, sabendo nós que os recursos são limitados. Pertence-nos a nós geri-los bem para que eles cumpram a sua finalidade de chegar a todos, os que hoje vivemos e os que não-de continuar.

Lembramos que esta encíclica foi publicada seis meses antes da célebre Cimeira de Paris sobre as mudanças climáticas (dezembro de 2015), a qual avançou com propostas concretas sobre o respeito devido à conservação da natureza e nomeadamente a contenção necessária no uso das energias fósseis para impedir que a temperatura global continue a crescer de forma desmedida.

Como todos sabemos, as recomendações desta Cimeira, embora aprovadas pelos 190 países do mundo nela participantes, continua a não ser respeitada, em nome de modelos económicos, que insistem em sacrificar a sustentabilidade do planeta aos lucros imediatos.

É por isso que, depois da Cimeira de Paris, que não ignorou as propostas da encíclica “Laudato Si”, mais esta se torna incontornável, no seu alerta sobre a obrigação de cuidarmos a casa comum que a natureza constitui para todos nós.

E como todas as casas, também esta casa existe por causa das pessoas que a habitam, portanto, por causa da vida humana enquanto tal, que há-de ser sempre a medida última das decisões que tenham de ser tomadas.

Qualquer ecologia que não se proponha a valorização e o respeito pela vida humana, quer aquela que hoje existe quer a que há-de vir e com direito a ser bem acolhida desde o momento em que nos bate à porta, não serve.

Qualquer ecologia que não se proponha a valorização e o respeito pela vida humana, não serve!

Daí a importante chamada de atenção do Papa, nesta encíclica, para “uma ecologia que, nas suas variadas dimensões integre o lugar específico que o ser humano ocupa neste mundo e as suas relações com a realidade que o rodeia”.

Ficha Técnica

Propriedade e Administração: Arciprestado de Seia e Gouveia

Equipa Responsável: Joaquim Pinheiro (Pe.), João Barroso (Pe.), Paulo Caetano (Dr.), Rafael Neves (Pe.)

Colaboradores nesta Edição: António Martins, Armando Vaz (Pe.), Estela Cristina Brito (Dra.), Francisco Ferreira (Eng.), João Almeida, Manuel Felício (Dom), Luísa Franco (Arq.), Manuel Valente (Pe.), Paula Teixeira (Eng.), Paulo Caetano (Dr.), Rafael Neves (Pe.), Rui Gomes (Eng.), Teresa Couceiro (Dra.), Valter Salcedas (Pe.).

Revisão dos Textos: Anabela Jorge (Dra.), Cláudia Lopes (Dra.) e Olga Oliveira.

Morada para Correspondência: Av. Visconde Valongo, n. 11, 6270-486 Seia

Contactos: p.caetano@mail.telepac.pt | www.oalforge.pt

Os jovens agentes da *Laudato Si*

Passaram em Maio cinco anos que foi publicada e divulgada a carta encíclica ‘*Laudato Si*’, do papa Francisco, que aborda o tema da ecologia integral.

No âmbito da celebração do quinto aniversário da ‘*Laudato Si*’ impõem-se-nos uma pergunta: o que mudou e o que aconteceu desde a publicação desta encíclica?

O texto do papa é para frutificar ao longo do tempo, em diferentes lugares e com diferentes registos. Todavia, a crise ecológica é no imediato uma oportunidade dramática para crer e encetar uma mudança na humanidade e na sua delicada e preciosa morada: a Terra. Pois basta ‘olhar a realidade com sinceridade, para ver que há uma grande deterioração da nossa casa comum’ (*Laudato Si*, 6).

A quem se pode pedir que aceite com alegria e urgência a provocação da *Laudato Si*? A quem se pode pedir que aceite a ideia de se por à disposição dos outros sem receber nada deles? A quem, senão, precisamente aos jovens? De quem se pode esperar assumir uma forma distinta de viver que na *Laudato Si* se nos oferece? De quem, senão dos jovens?

Se há cinco anos atrás o papa Francisco lembrava que ‘os jovens exigem de nós uma mudança; interrogam-se como se pode pretender construir um futuro melhor, sem pensar na crise do meio ambiente e nos sofrimentos dos excluídos’ (*Laudato Si* 13), certo é que no presente, os jovens têm dado mostras de que estão preocupados com

o futuro do planeta e pretendem unir esforços para o proteger.

Por exemplo, desde 2018 que existe um novo movimento dentro da Igreja chamado *Geração Laudato Si*, numa clara alusão á encíclica do papa Francisco. Este movimento apresentado oficialmente nas JMJ do ano 2019 no Panamá nasceu da clara verificação entre os jovens de que o ambiente tem de mobilizar os esforços de todos porque para além da encruzilhada climática, a crise ecológica envolve, entre outras facetas, a poluição dos oceanos, o desaparecimento da diversidade biológica, a desertificação e a desflorestação, a injustiça no acesso aos recursos naturais, a penosidade de muitos que lutam pelo pouco alimento e escassez de água de que se nutrem.

Ou seja, a destruição da terra está claramente associada ao sofrimento dos seres humanos mais frágeis e débeis que a habitam. A reflexão sobre os jovens e

para os jovens intitulada ‘Cristo Vive’ da autoria do papa Francisco recorda que, ‘embora de forma diferente em relação ás gerações passadas, o compromisso social é uma característica específica dos jovens de hoje’ (*Cristo Vive*, 170). O mesmo texto prossegue com a apresentação de algumas pistas práticas para o encontro com o mundo juvenil, salientando que uma oportunidade única para o crescimento e também de abertura ao dom divino da fé e da caridade é o serviço. Ou seja, o ‘compromisso social e o contacto directo com os pobres continuam a ser uma ocasião fundamental para descobrir ou aprofundar a fé e discernir a própria vocação’ (*Cristo Vive*, 170) face ao cansaço dos itinerários de formação doutrinal e ás fracas possibilidades do justo protagonismo juvenil em atividades que façam alguma coisa para e pelas pessoas.



Rafael José Almeida Neves

nasceu a 9 de setembro de 1985. É Pároco de Santa Marinha, Mangualde da Serra, Moimenta da Serra, Paços da Serra e São Martinho (Seia); Coordenador do Departamento Diocesano da Pastoral Juvenil e Vocações.

A ecologia integral não é assim um convite ao heroísmo juvenil ou a uma santidade fora do comum. Pretende ser antes algo que se pode exigir a todo o mundo, uma virtude quotidiana onde os jovens são especiais agentes!



O papel da disciplina de EMRC na promoção da ecológica integral, à luz da Carta Encíclica Laudato Si'



Pe. Manuel Fernando Presa Valente

Professor de EMRC.
Diretor do Departamento Diocesano do Ensino Religioso Escolar da Diocese da Guarda.

Vivemos tempos muito exigentes na escola, cada vez mais as famílias e a sociedade em geral, esperam que a mesma colabore de uma forma exaustiva na formação integral dos seus alunos. Muitas vezes, até que os substitui no papel que as famílias e a sociedade deveriam de ter.

Dá a relevância e importância da presença de uma disciplina como EMRC, nos currículos das nossas escolas. Mesmo a legislação portuguesa reconhece a importância da educação integral da pessoa, quando diz na (DUDH, art. 26.º; PIDESC, art. 13.º; LBSE, art. 3.º, 7.º e 50º): *“Que tem como finalidades proporcionar o pleno desenvolvimento da personalidade humana e do sentido da sua dignidade e reforçar o respeito pelos*

direitos humanos e pelas liberdades fundamentais, bem como a formação do carácter e da cidadania, preparando o educando para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos.”

Observando o mundo atual, compreendemos a urgência de formar jovens capazes de entender e respeitar as diferenças, culturais, políticas e religiosas, bem como entender e valorizar a descoberta dos outros. Atualmente o tempo em que vivemos, são muitas e diversas as demandas dirigidas à escola. Pede-se que esta transmita não apenas conhecimento, mas também valores, competências sociais, reforce a autoestima dos alunos, desenvolva o sentido crítico e a criatividade.



Tendo em conta esta realidade, a escola, hoje, não serve apenas para transmitir uma série de conhecimentos e competências técnicas, mas também contribuir para um desenvolvimento integral da pessoa humana.

Não se trata apenas de preparar indivíduos para o mercado de trabalho, mas de formar pessoas e cidadãos. Para que a escola cumpra a sua missão de formar integralmente os alunos, é fundamental ter em conta a dimensão religiosa, uma vez que esta é para o ser humano não algo optativo ou acessório, mas estrutural e estruturante.

Na sua educação o aluno necessita aceder à dimensão religiosa para que a sua pessoa possa desenvolver-se integralmente. Este pressuposto, é defendido pelos Bispos portugueses, na Conferência Episcopal Portuguesa, sobre o valioso contributo da EMRC para a formação da personalidade, a saber:

Moral e Religiosa Católica- Um valioso contributo para a formação da personalidade, 2006)

A presença da nossa disciplina no contexto escolar, vai muito além das meras competências catequéticas que nos são atribuídas, mesmo por alguns cristãos. Todos nós já ouvimos expressões como estas: “O meu filho tem catequese não precisa de se inscrever em EMRC” ou o contrário, ou então: “Como não acredito em Deus, o meu filho não precisa de se inscrever em EMRC”.

Estes são alguns estigmas ainda bem impregnados na interpretação do papel de EMRC, na escola. Nada mais errado. Tem se tornado difícil fazer entender, quer a algumas famílias, quer a algumas franjas da sociedade atual, que EMRC não é catequese na escola. Nem é preciso de ter uma confissão religiosa para frequentar as aulas de EMRC. Obviamente que o fenómeno religioso está presente na matriz da nossa disciplina, mas seria muito redutor restringi-lo apenas a isso.

É aqui que entra a dimensão ecológica que de forma abrangente entra na nossa disciplina, com temas transversais em todos os anos e ciclos do nosso programa.

E que para o qual o Papa Francisco com a sua encíclica “Laudato Si”, vem reforçar ainda mais este paradigma de uma ecologia integral. Esta encíclica do Papa Francisco reforça e muito, o caminho que esta disciplina tem trilhado ao longo dos anos no panorama da escola portuguesa.

“A EMRC tem como grande finalidade a formação global do aluno, que permita o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida.” (Educação

Cuidar da Casa Comum

No dia 24 de maio de 2015 o Papa Francisco *surpreendia* o Mundo ao dedicar toda uma Carta Encíclica ao tema da Ecologia. Muitos se apressaram a tirar conclusões, julgando tratar-se de um manual de boas práticas acerca da forma mais cristã de substituir o plástico por outro material “ambientalmente mais sustentável”.

Contudo a surpresa foi dupla uma vez que o Papa não se perdeu com a trivialidade com que nós desperdiçamos tantas vezes o nosso tempo ao discutirmos estes temas, divagando sobre se substituindo o copo de plástico por um de papel, ou a pilha de uso único por uma recarregável, estamos a ser heróis que salvam o Planeta.



O Papa fez-nos mergulhar na necessidade profunda de confrontarmos a nossa existência enquanto Humanidade com o lastro de destruição que temos deixado, de forma especial nas últimas décadas, na nossa Casa Comum, o Planeta que habitamos.

A necessidade de percebermos o que se passa

na nossa Casa, e o porquê disso acontecer é, para o Papa, o primeiro exercício a ser feito, de forma individual e colectiva. Perceber as alterações climáticas; enfrentar a cultura do descarte; a dificuldade no acesso a água potável de grande parte da população mundial; a exploração de recursos e matérias primas dos países do Sul por parte dos países do Norte, bem como a gravosa diversidade de opiniões sobre estes assuntos, são para o Papa Francisco urgências imperiosas às quais não podemos fechar mais os olhos, e que são algumas das causas que levam às desigualdades que fazem desta Casa Comum, “mansão” para uns e “bairro de lata” para outros.

Daqui, no nosso contexto específico, enquanto

membros de uma comunidade com dificuldades, ciclicamente assolada por crises, mas acima de tudo cheia de privilégios porque localizada numa parte do Planeta absolutamente privilegiada, retiramos que, enquanto educadores da Fé, provavelmente temos abordado a problemática da

ecologia de uma maneira errada, vendo-a como uma parte da nossa existência.

A ecologia, como o Papa nos refere, não é parte mas relação. Não é acrescento, mas dimensão. Tem sido profundamente errado fazer acreditar às crianças, adolescentes e jovens que nos têm estado confiados, que a possível mudança das alterações climáticas dependem do imprimir ou não a folha que se está a ler! Não restem dúvidas, não é necessário, não se imprima!

Mas só numa verdadeira lógica relacional e educativa entre natureza, sociedade e economia, na qual se constrói uma simbiose suportável, viável e equitativa, levando assim à sustentabilidade, teremos uma verdadeira mudança de comportamentos e, acima de tudo, socioambiental.

Com a sustentabilidade comportamental não será necessária exploração de recursos, destruição de habitats, exploração de trabalho infantil e escravo e contribuir-se-á para o combate da pobreza, que nas palavras do Papa é a verdadeira causa da crise ambiental.

Porque não podem existir dúvidas relativamente a isto: não temos uma crise humana e social por um lado e uma crise ambiental por outro, temos uma crise socioambiental. E a crise do ambiente só ficará resolvida quando todos estivermos conscientes que apenas devolvendo a dignidade às pessoas elas estarão dispostas a viver em paz com a natureza.



Pe. Valter Sancedas

Pároco de Alpedrinha, Atalaia do Campo, Castelo Novo, Lourçal do Campo e Soalheira.

Diretor do Departamento Diocesano da Catequese da Infância e Adolescência.

Não nos refugiemos nos gestos ociosos e bacocos que servem apenas para apaziguar a nossa consciência. Se queremos ser e estar verdadeiramente comprometidos com o ambiente, temos que estar verdadeiramente comprometidos com a dignidade da Pessoa e abdicar, também, de uma parte do estilo de vida que, durante décadas, nos disseram não conseguirmos viver sem ele.

“Quanto mais vazio está o coração da Pessoa, mais necessita de objectos para comprar, possuir e consumir”

LS 204

Educação para o cuidado da Casa comum

O Papa Francisco, na Encíclica *Laudato Si*, procura sensibilizar a humanidade inteira para o cuidado da casa comum, que é o planeta terra. A Igreja Católica é detentora de um pensamento relevante sobre a preservação do planeta em que vivemos, desenvolvidos a partir dos textos da tradição judaico-cristã e tendo na figura de São Francisco de Assis o seu maior ícone. Todavia, trata-se de um pensamento recetivo a contributos oriundos de outras tradições religiosas e de tradições laicas, consubstanciadas nos textos de cientistas, filósofos e organizadores sociais.

O Papa não pretendeu impor ao mundo uma agenda ecológica, preterindo a agenda prioritária da Igreja, que é a glória de Deus e a salvação das almas. Usou apenas a sua autoridade moral como impulso para um diálogo alargado e frutífero sobre um tema que é do interesse de crentes e não crentes.

A Encíclica tem como grande eixo a premissa de que a causa ecológica apenas é séria quando não separada da adoção de outros estilos de vida, nalguns aspetos mesmo em rutura com os atuais. Por outras palavras, a viragem antropológica empreendida na modernidade terá de ser refreada nos seus excessos e a consequente moral subjetiva carece de revisão nos seus pressupostos. Se o homem continuar a ver-se como o centro de tudo e a medida de tudo, então o planeta terá de esperar.

Só que deixar o planeta à

espera, degradá-lo-á ainda mais. Mas tal degradação virar-se-á, por fim, contra o próprio homem. Deus perdoa sempre, o homem perdoa às vezes e a natureza nunca perdoa, porque é o reino das leis e não das recomendações.

É uma constante o facto de que uns indivíduos imputem aos outros a responsabilidade de mudar as coisas. No caso do cuidado da casa comum, o cidadão comum faz recair a responsabilidade sobre os governantes. Porque o poder foi delegado neles, então terão de tomar as decisões consideradas necessárias para a sustentabilidade da vida humana sobre a terra. É uma ingenuidade julgar que os governantes são como que os únicos detentores do poder, enquanto tiverem o aval dos eleitores. Os grandes agentes económico-financeiros têm um poder enorme, talvez invisível para os eleitores acríticos, capaz de ombrear com o poder dos governantes e de o fazer recuar em muitos casos. Portanto, não é fácil fazer mudar quem está em

condições de poder mudar o mundo. Que fazer então?

Terá de ser feito um trabalho de sapa, no âmbito das famílias, que não dá resultados imediatos, mas apenas a longo prazo. Os governantes e os agentes económico-financeiros, de amanhã, serão oriundos das famílias, de hoje. Os estilos de vida aprendem-se fundamentalmente nas famílias. Os filhos são sempre uma certa imagem dos pais. Os pais podem ter sido pobres e os filhos até poderão ser ricos. As circunstâncias fizeram a diferença entre uns e outros. No entanto, se os pais eram pessoas sérias e honestas é provável que os filhos continuem a prezar uma coisa e outra, mesmo vivendo num contexto de prosperidade. A cruzada laica contra a família tradicional não augura dias melhores em termos de formação do carácter das novas gerações.

As famílias cristãs mais do que estarem na vanguarda da ecologia, deverão estar na vanguarda da educação para o cuidado

da casa comum. Será saudável que as famílias cristãs tenham autoridade para falarem do seu consumo frugal e não dêem aos outros razões para serem acusadas de extravagâncias consumistas; e que possam dizer que os seus filhos não têm tudo, mas que têm princípios de vida não conformes à onda do consumismo. Sem dúvida que a produção e o consumo vivem numa relação dialética. Daí que a diminuição do consumo exija medidas compensatórias durante algum tempo, para que não surjam problemas de precariedade social. Mas bem, a nova leva de governantes e agentes económico-financeiros será igual à de hoje, se não vierem de famílias que os educaram eficazmente para o cuidado da casa comum.

Paula Teixeira e Rui Gomes

Casal Responsável pelo Departamento da Pastoral Familiar da Diocese da Guarda



Contemplar como dom a vida criada

Se relatassem mesmo o que Deus teria feito materialmente “no princípio”, então deveríamos perguntar qual seria a ata mais objectiva: se a de Génesis 1, em que Deus é posto a criar o mundo e só ao fim o homem e a mulher conjuntamente, ou se a de Génesis 2-3, em que Deus é posto a criar primeiro o homem, depois plantas, árvores e animais, e só depois a mulher a partir do “lado que tinha tomado do homem”. Seriam duas atas contraditórias!

Não o são, porque não escrevem história nem física, mas *metafísica* aberta: elevam o leitor *para além* das coisas físicas. Não contam o *começo*, que resulta de uma causa direta, mas a *origem* do mundo e da vida, isto é, a sua essência e estrutura fundante, aquilo pelo qual uma coisa é o que é. São interpretação feita pela fé, o cântico da Terra, uma visão interior do mundo que a gente vê pelo exterior.

Descrevem de forma figurativa o deslumbramento de um contemplativo que fecha os olhos de carne e pensa: eu existo, existe a vida à minha volta e existe para mim, dada por Deus criador: já posso morrer, porque viver faz sentido. Usando linguagem mítica e a metáfora da criação nas respectivas narrativas, a fé bíblica intuiu Deus a criar tudo pela palavra: contemplado a criar, dava-se como pessoa, continuando

transcendente.

O único elo de ligação com as criaturas era/é a Sua palavra, símbolo de comunicação, de alteridade e de distinção. Então, dizer “Deus criou o mundo e a humanidade” não é pensar que os arrancou do nada ou de matéria preexistente, em seis dias, por evolução ou duma assentada; nem é pensar no momento ou no ato da sua feitura física (da qual os narradores bíblicos nada sabiam). É um convite a contemplar nas coisas e nas pessoas uma abertura ao transcendente, vendo-as como feitas por Deus.

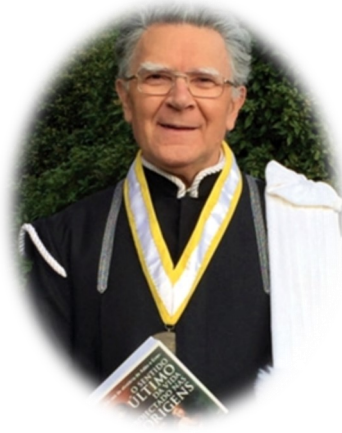
Assim, a narrativa bíblica de criação faz acontecer revelação de Deus por meio da fé. E espera que aconteça revelação para o leitor, educando-o para a contemplação, não no domínio do amor humano (como no Cântico dos Cânticos), nem na esfera do pecado (como sucede nos profetas), nem no campo da atividade política (como se verifica nos livros de Samuel e de Reis), mas no olhar para o universo: que o contemple como dom de Deus. E espera o envolvimento do leitor com Deus: que viva à altura de tão grande dom e da dignidade de *imagem de Deus*.

Realmente, contemplar a vida como criada por Deus significa vê-la como totalmente dada: dom definitivo, irreversível. Dom de Deus e dom para o humano. Se na vida das pessoas o que interessa é o sentido que lhe conseguem dar, essa é precisamente a intenção fundamental das narrativas de criação: pintando Deus a criar o

mundo e a vida, querem ser oferta de sentido para o leitor, prevenindo-o e armando-o contra a ameaça do *sem-sentido*; querem ser resposta à sede de Verdade e à necessidade de sentido, que o ser humano não dispensa.

Ao reconduzir o olhar da fé a um Princípio unificador visto em Deus criador, a narrativa da criação une o que parece separado e oposto, dá razoabilidade ao que parece irracional, juntando “o bem e o mal”, o homem e a mulher, o agradável e o sofrimento, a vida e a morte numa unidade harmoniosa que enche tudo de sentido (como se percebe de Génesis 2-3). Ao ver a vida em Deus, ligada a Ele e procedente d’Ele, Ele aparece como o sentido último dela: porque está na sua *origem* e é o Ser do ser dela, Ele é que lhe dá sentido radical, pois sem Ele ela não existiria. Ele aparece assim como a Razão e a Verdade última da vida.

Esta é um dom inevitavelmente associado a limitações, inerentes a tudo o que é físico e material. Mas as limitações não são propriamente um mal. A consciência do limite é uma fonte de boas relações, de relações integrais, com a natureza (árvores, águas, montanhas), com os animais, com o humano semelhante e com o fundo misterioso que tudo transcende (Deus), porque nos coloca com humildade diante da natureza: ao vê-la como criada por Deus, a fé bíblica contempla-a com respeito e admiração. A vida é um dom com o selo da caducidade e do perecível, sim; por isso, dom irrepetível. Mas não deixa de ser dom com



Pe. Armindo os Santos Vaz
É padre da Ordem Carmelitas Descalços. É especialista na Sagrada Escritura, Ciências Bíblicas ou Teologia Bíblica. É Professor de Sagrada Escritura desde Outubro de 1973. É doutorado pela Pontifícia Universidade Gregoriana.

sentido, que ninguém pode arrebatá-lo a quem dele goza pelo nascimento. Por conseguinte, não se pode estragar ou inquirar.

Efetivamente, “Deus ama este mundo a tal ponto que lhe deu o seu Filho unigénito” (Jo 3,16). Supremo dom de Deus, Jesus vem valorizar ao máximo a obra da criação, especialmente a coroa da criação que é o ser humano. Mas, este dom já não pertence ao processo de criação que a fé situa nas origens de tudo. O Filho de Deus não é criado. Veio salvar a vida humana criada, manifestando da forma mais intensa o amor de Deus por ela e a orientação que ela deve seguir, “para louvor da glória do seu dom gratuito [kharis]”, para revelar definitivamente que de Deus tudo procede e a Ele deve voltar (Ef 1,3-14).

Cuidados da Casa Comum



Francisco Ferreira
Professor na FCT NOVA.
Presidente da ZERO –
Associação Sistema
Terrestre Sustentável

2015 foi um ano marcante – em maio o Papa Francisco dá a conhecer a Encíclica “Laudato Si”, um texto profundo, um apelo vigoroso não apenas a católicos mas a toda a sociedade, dos indivíduos às instituições, do cidadão anónimo aos políticos, alertando para a emergência de uma crise que afeta o planeta e que requer uma resposta urgente, concertada e no contexto daquilo a que o Papa chamou de ecologia integral. Ainda em 2015, seriam aprovados unanimemente por todos os países nas Nações Unidas os dezassete objetivos para o desenvolvimento sustentável e uma agenda global ambiciosa para 2030. Por último, em dezembro, nascia o Acordo de Paris, uma tentativa para reduzir as emissões de gases de efeito de estufa e assim evitar consequências mais dramáticas no que respeita às alterações climáticas.

No passado dia 24 de maio, cinco anos depois, o Papa Francisco, consciente do muito que há por fazer, mudar e transformar, relançou a Enciclia, numa iniciativa que é agora o ano “Laudato Si” para “chamar a atenção para o grito da terra e dos pobres”. Os efeitos da pandemia foram sem dúvida determinantes para a nova crise que vivemos, mas também pelo retirar de prioridade que esta emergência de saúde pública acabou por causar a outras emergências, desde as

alterações climáticas à perda de biodiversidade e ao excessivo uso de recursos.

Mais ainda, o Papa sente que é essencial usar a recuperação do funcionamento da nossa sociedade numa forma onde os valores e orientações da Encíclica se façam sentir. A 18 de junho deste ano, o Papa lançou um documento complementar e muito exaustivo com duzentas recomendações para a defesa do planeta e da vida humana.

Entre as prioridades, a necessidade de um consumo responsável que evite o desperdício e faça parte de uma economia circular que preserve os recursos, a eliminação dos apoios ao uso de combustíveis fósseis e o investimento fundamental nas causas da paz, da justiça e da democracia.

Portugal é, há já muitos anos, deficitário na sua capacidade para fornecer os recursos naturais necessários às atividades desenvolvidas (produção e consumo).



Trata-se de um verdadeiro manual dedicado ao cuidar da nossa casa comum, direcionado para a educação nos diferentes graus de ensino, para as empresas, para os políticos, explicando a necessidade e dando conselhos muito diretos sobre o que podemos e devemos fazer, justificando a relevância da ação de cada um e de todos.

O mais preocupante é que a “dívida ambiental” portuguesa tem vindo a aumentar. Esta é uma tendência que é urgente inverter, sendo possível tirar partido da atual crise para iniciar este trabalho. Tal é possível com a adoção de novas políticas públicas, e novas práticas por parte de cada um de nós, em particular na área da alimentação e da

Cuidados da Casa Comum (Continuação...)

mobilidade, no sentido de reduzir o impacto da forma como produzimos e consumimos.

O consumo de alimentos (32% da pegada global do país) e a mobilidade (18%) encontram-se entre as atividades humanas diárias que mais contribuem para a Pegada Ecológica de Portugal e constituem assim pontos críticos para intervenções de redução da nossa Pegada.

De uma forma mais específica, em termos de políticas, é fundamental:

- i) Apostar numa agricultura de múltiplos outputs e promotora da soberania alimentar (produção de alimentos de qualidade; preservação dos solos, redução da poluição e do uso de água; valorização de serviços de ecossistema) reduzindo progressivamente até à completa eliminação dos apoios a práticas agrícolas assentes num único output – produção;
- ii) Aproveitar o potencial de redução de deslocações e viagens através do teletrabalho e da realização de eventos habitualmente presenciais, em formato virtual.

Muitas empresas, entidades, trabalhadores estão a descobrir o potencial das reuniões virtuais e do teletrabalho, o que poderá vir a ter reflexos positivos no futuro, em termos de ganhos ambientais, sociais e económicos;

iii) Investir de forma decisiva na criação de infraestrutura que permita uma muito mais significativa utilização de modos suaves de transporte, em particular incentivando o uso da bicicleta e eventualmente combinados com o transporte público, no sentido de evitar a degradação da qualidade do ar nas cidades para os níveis antes da crise;

iv) Regulamentar para que os produtos colocados no mercado sejam sustentáveis. Por exemplo, implementar normas de durabilidade, garantias do direito a reparar e atualizar, de reutilização e reciclabilidade. Estas medidas permitirão criar novas áreas de trabalho qualificado no nosso país.

português consome cerca de três vezes a proteína animal que é preconizado na roda dos alimentos, metade dos vegetais, um quarto das leguminosas e dois terços das frutas. Aproximar a nossa dieta à roda dos alimentos reduz, de forma significativa, o impacto ambiental associado à alimentação e é mais saudável;

ii) Movimentarmo-nos de forma sustentável: não deixar de usar os transportes coletivos na atual situação de desconfinamento, andar de bicicleta, a pé, e claro, reduzir ou eliminar mesmo as viagens de avião substituindo nomeadamente as reuniões

assente na reciclagem, incineração e deposição em aterro, para um paradigma de “ter menos, mas de melhor qualidade”, com um forte enfoque na redução, reutilização, troca, compra em segunda mão e reparação.

Este é um momento em que a nossa casa comum é afetada por diversas crises e escolhas difíceis, mas é também o momento que definirá o nosso futuro coletivo. Por isso, devemos enfrentá-lo com esperança e com coragem para promover uma transição justa para a sustentabilidade, fundamental para a sobrevivência da espécie humana. Se agirmos com sapiência e coragem, esta crise pode ser superada através da união de esforços na transformação dos modelos



Em termos de práticas individuais, será importante i) Reduzir a presença de proteína animal na alimentação: os dados para Portugal indicam que cada

por videoconferência. iii) Consumir de forma mais circular: é fundamental mudar o paradigma de “usar e deitar fora”, muito

socioeconómicos, focando-nos no bem-estar das pessoas e no estabelecimento de uma relação de equilíbrio e respeito pelos limites do planeta.

O contributo da disciplina de EMRC para uma responsabilidade ecológica, no cuidado da nossa “Casa Comum”, à luz da Laudato Si’



Estela Cristina Brito,
Professora de EMRC no
Agrupamento de Escolas de
Seia.
Membro da Rede Cuidar da
Casa Comum.

O contributo da disciplina de EMRC para uma responsabilidade ecológica, no cuidado da nossa “Casa Comum”, à luz da Laudato Si’

Em 1996, o Relatório para a UNESCO redigido pela Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, vulgarmente denominado Relatório Delors, identificava quatro eixos fundamentais que deveriam nortear os modelos de educação: “a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente;

aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes”. Os eixos educacionais acima expostos abrangem o ser humano na sua totalidade: da dimensão cognitiva, à ética, da estética à técnica. Para educar para o ‘ser’ em vez de para o ‘ter’ e para a cooperação em vez da competição, é necessário que exista uma mudança de paradigma no ensino e na sociedade. A escola é responsável pela introdução dessa alteração profunda, esperando-se que o faça desde o início do percurso escolar, para que os alunos cresçam cidadãos mais solidários, fraternos e sensíveis. Uma educação integral, que prepara para uma ecologia integral, tem de criar espaço para que o eixo ‘aprender a ser’ seja potenciado, pela cultura e pela espiritualidade. O Relatório Delors aponta precisamente esse caminho “a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa — espírito e corpo, inteligência, sensibilidade,

sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade.” (*Educação Um Tesouro a Descobrir: Relatório Para a Unesco Da Comissão Internacional Sobre Educação Para O Século XXI, ed. Jacques Delors, 9ª ed. (Lisboa: Asa, 1996).*

A designação ‘Ecologia Integral’ existe há mais de duas décadas, e propõe uma visão integrada do ser humano, dos outros e da vida no planeta Terra. Dela fazem parte as dimensões pessoal, social e ambiental, a necessidade de trabalhar de forma transdisciplinar os valores, o respeito por si mesmo, pelos outros e pelo ambiente no seu todo. Segundo o Papa Francisco, “Não haverá uma nova relação com a natureza, sem um ser humano novo. Não há ecologia sem uma adequada antropologia” (LS 118)

Nesta sequência, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, de oferta obrigatória, de caráter facultativo, presente no currículo dos alunos desde o 1º até aos 12º anos, apresenta a distribuição da temática ecológica ao longo dos vários ciclos de ensino.

Nas metas apresentadas no Programa de EMRC, por exemplo, na Unidade Letiva 4, do 8ºano, “Ecologia e Valores”, as abordagens, aplicações neste domínio contribuem para o cumprimento dos objetivos fundamentais de capacitação do aluno, para: 1. Reconhecer na dignidade humana a sua relação com a totalidade da criação enquanto dádiva de Deus; 2. Interpretar criticamente a

ação humana sobre a natureza; 3. Conhecer a perspetiva religiosa sobre a natureza como local de encontro com Deus; 4. Reconhecer o contributo do Cristianismo no cuidado da natureza. Um dos objetivos da disciplina é interpretar criticamente a ação humana sobre a natureza, sobre as diferentes realidades.



Precisamente porque os valores são o fundamento e a grande preocupação da educação, a ecologia está associada a valores como a gratidão, o cuidado, o respeito, a responsabilidade e a fraternidade.

A disciplina de EMRC, assumindo a perspetiva da formação integral dos alunos, tem como objetivo desafiá-los na descoberta e encontro do transcendente na vida pessoal e social, no cumprimento do dever com a abertura de novos horizontes, à maturidade moral e aqui está subjacente a educação ambiental e integral.

Numa perspetiva cristã, é essencial mencionarmos uma figura do século XII que tem manifestações de espetacular modernidade: São Francisco de Assis. Esta figura manifesta um profundo respeito e expressa uma desconcertante admiração pela natureza. A sua vivência diária concretiza-se num percurso de respeito por toda a Criação, que reconhece e proclama a autoria divina. Não se trata de um sentido



A Igreja ao serviço da ecologia integral

A ecologia integral implica cuidar do nosso planeta como uma grande casa comum, partilhada entre católicos e pessoas de outras confissões ou sem qualquer confissão; partilhada por pessoas e outros seres vivos. Não é preciso ser católico, nem sequer cristão, para sentir responsabilidade pelo mundo “das coisas cá em baixo”, sob um céu vulnerável à poluição de proveniência humana.

Os cristãos, seguindo os caminhos espirituais traçados pelo Evangelho, são levados a reparar no esplendor dos lírios do campo e no sofrimento do próximo. Os católicos encontram-se ligados à Fé por Cristo numa comunidade há muito consciente da inseparabilidade entre o compromisso ecológico e a questão social.

Basta pensar no título de uma encíclica de João XIII, *Paz na Terra (Pacem in Terris)*, uma expressão que interpela mesmo quem nunca leu essa encíclica. Para a paz ser possível na Terra é tão importante lutar contra a

fome, a pobreza, o tráfico de seres humanos, como lutar contra a desertificação, a contaminação dos oceanos pelo plástico, o empobrecimento da biodiversidade.

As diversas catástrofes humanitárias causadas por alterações climáticas, de que é exemplo particularmente chocante, para os cidadãos de países lusófonos, o impacto do ciclone Idai, em Moçambique, mostram como os pobres são os mais vulneráveis a fenómenos naturais devastadores.

Não é possível estabelecer hierarquias de importância entre os problemas ecológicos e sociais. O “clamor da terra como clamor dos pobres” (LS, 49) apela com a mesma pertinência a uma abordagem integral da crise que atinge com idêntica violência a sociedade e o ambiente (LS, 139).

Na encíclica *Laudato Si'* (LS) o Papa Francisco leva mais longe o apelo de Papas anteriores. Não se dirige só a católicos, ou a “homens de boa vontade”, mas a “cada

pessoa que habita neste planeta” (LS, 3). A ecologia surge assim como um terreno abrindo a possibilidade de ações comuns, entendimentos com qualquer pessoa. Ou, no caso desses entendimentos não serem possíveis, um cuidado da natureza e da sociedade que a todos beneficie, pois a ecologia integral é animada por um sentimento de fraternidade e uma atitude gratuita que tornam possível amar mesmo os inimigos (LS, 228).

Lembra o Papa que todos os seres humanos são também matéria terrestre, corpos respirando oxigénio e vivificados pela água (LS, 2), bens essenciais ao bem comum cuja qualidade é necessário preservar. No que respeita à água é necessário não só defendê-la da poluição, mas também garantir o seu acesso geral. A captação da água por interesses privados indiferentes às necessidades básicas de todos os seres humanos pode transformar-se numa fonte maior de

conflitos no século XXI (LS, 31).

Mas se a ecologia é um possível e necessário “terreno comum” com pessoas que perfilham outras confissões, espiritualidades e descrentes do cristianismo, a exortação do Papa Francisco à vivência de uma ecologia integral tem a marca inconfundível de uma mística cristã inspirada pelo exemplo de S. Francisco de Assis. Para este modo de se relacionar com o real, a Terra não é uma parte da natureza, é uma irmã (LS, 1).

Aos católicos, em especial aos jovens e aos mais conscientes dos sinais de violência ecológica e social destes tempos, cabe, a partir da sua identidade, agir com os outros numa causa que deve ser de todos; a partir da pertença a uma Igreja global responder a problemas globais.

**João Miguel Almeida,
Rede Cuidar da Casa Comum**



Cuidar da Casa Comum

A Igreja ao serviço da Ecologia Integral

Crise ecológica - Crise antropológica Para uma educação ambiental

A nossa irmã terra “clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou” (LS 2), constata o Papa Francisco na encíclica Laudato si`.

O desenvolvimento científico e tecnológico, que tem marcado a época moderna e contemporânea, traduz-se num domínio despótico do Homem sobre a natureza. O paradigma tecnocrático dominante, com a sua lógica instrumental e a sua pretensão de eficácia e de rentabilidade, invade e condiciona todas as dimensões da vida humana, quer na relação do Homem com o meio ambiente e os outros seres vivos, quer na relação dos seres humanos entre si. Reconhece o atual Papa: Tornou-se anticultural a escolha de um estilo de vida, cujos objetivos possam ser, pelo menos em parte, independentes da técnica, dos seus custos e do seu poder globalizante e massificador. (LS 108) O triunfo do atual paradigma tecnológico e das suas dramáticas consequências ecológicas é fruto do chamado antropocentrismo que tem caracterizado a modernidade e contemporaneidade. **A atual crise ecológica é o resultado de um antropocentrismo desordenado** Desde o Renascimento, e num movimento cada vez mais progressivo e expansivo, o Homem considera-se o centro do mundo, a medida de todas as coisas. A fé no progresso científico indefinido substitui

a fé na providência. Para isso terá também contribuído uma errada interpretação do mandato bíblico de submeter a terra, marcada pela projeção da ideologia do paradigma antropológico dominante, a que não ficou indiferente a reflexão teológica e a prática cristã. A atual crise ecológica é o resultado de um antropocentrismo desordenado. Por isso o futuro ecológico passará, necessariamente, por uma nova relação do Homem com a terra e por um novo humanismo. Afirma o Papa Francisco com sentido profético: Não haverá uma nova relação com a natureza, sem um ser humano novo. Não há ecologia sem uma adequada antropologia. (LS 118) **A atual crise ecológica é a expressão e exteriorização da crise ética, cultural e espiritual** que, presentemente, se verifica. Por isso, sanar a relação do Homem com a natureza e o meio ambiente passa, antes de mais, por curar as próprias relações humanas. O futuro da cultura ecológica envolve todas as dimensões do humano; passa por uma ecologia integral, por uma política, por uma educação, por um estilo de vida e por uma espiritualidade que “oponham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático” (LS 111). **A mudança, que deve ser sistémica, é feita de gestos simples quotidianos**, “pelos quais quebramos a lógica da violência, da exploração, do egoísmo” (LS 230). O mundo do consumo exacerbado maltrata o ambiente. A

tarefa de mudança de mentalidade e de comportamentos não é fácil; requer passos decisivos, uma ousadia criativa de pequenos e persistentes gestos. Estamos, pois, perante “um grande desafio cultural, espiritual e educativo que implicará longos processos de regeneração” (LS 202). A educação ecológica passa, antes de mais, por uma atitude de descentramento pessoal e comunitário, pelo reconhecimento do valor das outras criaturas e delas cuidar; passa pela adoção de uma consciência de comunhão e de relação com a complexidade das criaturas, com os sistemas ecológicos, porque tudo está interdependente, tudo está em relação. O Papa Francisco dá mesmo exemplos concretos de atitudes quotidianas possíveis, a adotar e a marcar passos de conversão ecológica: *evitar o uso de plástico e papel, reduzir o consumo de água, diferenciar o lixo, cozinhar apenas aquilo que razoavelmente se poderá comer, tratar com desvelo os outros seres vivos, servir-se dos transportes públicos ou partilhar o mesmo veículo com várias pessoas, plantar árvores, apagar as luzes desnecessárias...* (LS 211) **Uma educação para a**

preservação do meio ambiente começa pela família, pois é aí que se cultivam os primeiros hábitos de amor e de cuidado pela vida, onde se aprende o uso correto das coisas. A família é a primeira comunidade educativa para uma ecologia integral; a própria família exige uma ecologia de partilha (uma casa comum na organização harmoniosa dos seus espaços diferenciados). **Nesta educação ambiental, todas as comunidades cristãs, por mais pequenas que possam ser, têm o seu papel a desenvolver.** As comunidades cristãs devem cumprir-se como espaços educativos de uma austeridade responsável, de grata contemplação do mundo, de cuidado fraterno dos pobres e do meio ambiente (cf. LS 214). Uma educação ambiental não pode descuidar a dimensão estética e espiritual, a vivência interior. A contemplação e a beleza são formas de subverter a lógica dominante do pragmatismo e da eficácia, deixando-se surpreender pela imprevisibilidade do gratuito da vida. A consciência ecológica é hoje um dos sinais mais marcantes da contemporaneidade, uma oportunidade para a profecia e para o testemunho da experiência cristã.

António Martins
Rede Cuidar da Casa Comum



Porque cuidar das pessoas é cuidar do Ambiente



Luiza Franco, Nasceu em Lisboa em 1988. Doutorada em Arquitectura Paisagista pelo Instituto Superior de Agronomia (ISA) e membro da direcção da Associação Casa Velha - Ecologia e Espiritualidade. Integra a equipa de investigação "Green and Blue Infrastructures" (LEAF, ISA), desde 2011, onde tem desenvolvido trabalho na área do Ordenamento do Território.



Ir às periferias existenciais é uma das missões mais pertinentes, complexas e necessárias para enfrentar a crise ecológica.

"Constituir um lugar de encontro, catalisador da conversão ecológica", é esta a visão assumida pela Associação Casa Velha – Ecologia e Espiritualidade para os próximos cinco anos, no âmbito do seu novo plano estratégico. Este lugar de encontro, "consigo, com os outros, com a natureza", foi recentemente reconhecido pelo Vaticano

enquanto boa prática a replicar, no âmbito do manual "A caminho para o cuidado da casa comum – Cinco anos depois da *Laudato Si'*", a par de outra iniciativa, a Rede Cuidar da Casa Comum.

Cheguei à Casa Velha em 2012, entusiasmada e com vontade de explorar a ligação entre o Encontro, vivido nos "Atravessados" (grupo de voluntários da Casa Velha), através da oração e comunidade, e a Ecologia. Afinal, como estas duas palavras se interligavam na prática não me era claro. Para alguém que estudou ecologia, era realmente difícil compreender como é que um conceito nascido no seio da ciência (sobretudo com Humboldt, no século XIX) podia, de repente, ser aplicado a tantas outras coisas e, até, às relações

humanas. Foi preciso uma viagem, literalmente, para encontrar um princípio de resposta.

Afinal, porque é que ainda me custa sacrificar o meu bem-estar em gestos concretos de cuidado pelo ambiente, uma causa com a qual me identifico?

Em 2017, numa ida à comunidade de Madrid das Escravas do Sagrado Coração de Jesus para falar da Encíclica *Laudato Si'*, esta pergunta não me largava: porque é que cuidar das pessoas é cuidar do ambiente?

Durante um exercício que propusemos, no qual analisávamos a conversão ecológica – a nível global, comunitário, individual – com inúmeros exemplos do dia-a-dia, fui-me apercebendo da existência de resistências interiores à conversão ecológica.

Porque é que tomar um banho mais curto e preferir uma viagem de 45 minutos de autocarro a uma de 15 de carro, me pode custar tanto? Estes foram os exemplos que me ocorreram, mas muitos outros podiam ser dados.

Afinal, porque é que ainda me custa sacrificar o meu bem-estar em gestos concretos de cuidado pelo ambiente, uma causa com a qual me identifico? Poderemos concluir, como Christiana Figueres, a "arquiteta" do Acordo de Paris, que afinal "não se trata de nos sujeitarmos a enormes sacrifícios que nos levam a sentir que estamos a ter uma vida pior, na verdade é exatamente o contrário, (...) trata-se de avançar em direcção a uma vida muito melhor", uma vida com melhores condições de saúde,

Porque cuidar das pessoas é cuidar do Ambiente (Continuação)

urbanas, de transporte e de investimento.

No entanto, muitos de nós ainda sentimos algumas destas escolhas como sacrifício, acompanhado de um arrepio de culpa, por sabermos que, no fundo, não as queremos fazer.

Movidos por um peso na consciência podemos alterar pontualmente algumas escolhas, mas não maturamos hábitos a longo prazo. Segundo a psicóloga [Susan Clayton](#), a culpa pode ser um eficaz *trigger* de alteração de comportamentos, mas esta dependerá, em muito, do tipo de personalidade de cada pessoa. A culpa não é, por isso, a única via, nem a mais eficaz.

O discurso moralista e negativo que constantemente ouvimos não ajuda, é sabido, mas então o que nos falta? Mais números que nos convençam? Ainda que necessários e impactantes, estes dados não chegam. Não ficamos convencidos (apenas) por informação estatística, mas sim por histórias, por caras, diz-nos Sofia Guedes Vaz. Não nos relacionamos com o “Ambiente”, essa entidade estranha e abstrata, mas rapidamente sentimos empatia por alguém que tenha perdido a sua casa durante um incêndio.

A forma como compreendemos e interiorizamos as razões para cuidar do ambiente é um aspeto importante da conversão ecológica, mas não é o único. Não menos importante é a questão da espiritualidade e, em

particular, da paz interior, referida pelo Papa Francisco na *Laudato Si'*: “ninguém pode amadurecer numa sobriedade feliz, se não estiver em paz consigo mesmo. (...) A paz interior das pessoas tem muito a ver com o cuidado da ecologia e com o bem comum, porque, autenticamente vivida, reflete-se num equilibrado estilo de vida aliado com a capacidade de admiração que leva à profundidade da vida”.

Como resultado do exercício realizado em Madrid, apercebi-me de que a resistência a gestos de despojamento em favor do “ambiente” pode ter origem no sentimento de falta, de insatisfação, na sede interior que cada um traz consigo, para usar a expressão do cardeal Tolentino Mendonça, no seu livro “O Elogio da Sede”.

Importa ainda compreender que esta sede é insaciável, “porque aspira àquilo que não se pode possuir: o sentido”, mais uma vez citando a obra referida. Assim, a sede é algo que deve ser aprofundado e não resolvido. Quando não integrada, emocional e espiritualmente, esta sede traduz-se numa falta de paz, que se torna geradora de um estilo de vida acelerado e consumista.

No entanto, aprender a conviver com a nossa sede, a nossa solidão e a nossa procura de Deus, e ajudar outros a conviver com a sua sede, a sua solidão, e a sua relação com Deus, é um caminho necessário, também, à Ecologia, por estranho que pareça.

Podemos argumentar que um estilo de vida acelerado e consumista não é apenas consequência da falta de paz interior. Em boa verdade, o contexto em que vivemos (familiar, de trabalho, ou económico) condiciona as opções relacionadas com a gestão do tempo e o consumo. Neste aspeto, a opção por um estilo de vida sustentável não dependerá somente da boa vontade e predisposição interior, mas também do contexto social.

ajudarmo-nos mutuamente a conviver com a nossa sede, isto é, a aprender a gerir a sede sem a necessidade de a preencher constantemente com paliativos, estaremos mais dispostos a abdicar de pequenos confortos, realizados, tantas vezes, à custa do ambiente. Os laços de família e amizade que nos estruturam contribuem para a nossa paz interior, tão necessária para nos tornar verdadeiros cuidadores.



De facto, esta reflexão fica incompleta se não integrarmos na equação o papel das políticas públicas, por exemplo, na regulação das condições de trabalho. No entanto, aprender a conviver com a nossa sede, a nossa solidão e a nossa procura de Deus, e ajudar outros a conviver com a sua sede, a sua solidão, e a sua relação com Deus, é um caminho necessário, também, à Ecologia, por estranho que pareça. Ao cuidarmos da paz interior, minha e de outro, ao

Então, e onde faltam esses laços? Ir às periferias existenciais, enfrentar as “raízes éticas e espirituais da crise ecológica” é, por isso, uma das missões mais pertinentes, complexas e necessárias para enfrentar a crise ecológica. Por isso, a Casa Velha e outros lugares com a mesma missão são lugares tão necessários e proféticos, enquanto lugares de reparação, onde se experimenta a comunidade e a espiritualidade, e nos fazem desejar ser verdadeiros cuidadores.

O horizonte do bem comum

Sentido de corresponsabilidade a que o Papa Francisco nos interpela diretamente com o seu apelo para que nos envolvamos ativamente no *Cuidado pela Casa Comum: Hoje, crentes e não crentes estão de acordo que a terra é, essencialmente, uma herança comum, cujos frutos devem beneficiar a todos.* (LS 93)

Não podemos ficar indiferentes! Temos que agir! E agir tendo como medida o bem comum. Em 2003, os Bispos portugueses escreveram a nota pastoral “Responsabilidade solidária pelo bem comum”, que tocava a vida em aspetos muito concretos do bem comum: a saúde, a educação, a participação na vida pública, o trabalho, a exigência ética pedida ao mercado, o papel dos meios de comunicação, a defesa do ambiente e, inclusivamente, os comportamentos na estrada.

Os Bispos colocavam-nos o bem comum como o horizonte de toda a vida social. A Encíclica *Laudato Si’ é uma forma de cuidar do mundo ferido em prol do bem comum.*

Em 2015, o Papa Francisco oferece-nos a *Laudato Si’*, onde nos deixa um forte alerta para o mundo ferido pela nossa ação, mas não deixando de dar voz a uma esperança de que podemos dele *Cuidar* ao mudarmos os nossos comportamentos e atitudes, em prol do bem comum.

O que vemos à nossa volta entristece-nos

chegando, por vezes, a roubar-nos a esperança e a alegria por vermos a facilidade com que a dignidade da vida de tantas pessoas é esquecida ao serem privadas da sua própria casa e cultura, privadas do acesso à educação, privadas de viver a sua espiritualidade em liberdade, ... e tudo por mais um metro quadrado de terra, de petróleo, de poder.

É aqui que entra o princípio de que nos fala o Papa Francisco de que a ecologia integral é inseparável da noção de bem comum (LS 156). E esta Ecologia Integral pedenos uma forma diferente de olhar o Mundo, alargando o conceito de Ecologia e expandindo a sua intervenção ao ser humano e à sociedade.

Recentra o nosso olhar nas relações que criamos, mantemos ou cortamos e exige uma transformação da forma como nos relacionamos connosco próprios, com os outros

seres humanos e com a restante natureza. Uma transformação no centro da qual deve estar uma ética do cuidado que nutra as relações que estabelecemos dentro dos nossos ecossistemas (familiar, comunitário, global) e que faça germinar sementes de transformação social (*Caderno de Viagem, FGS*), ética essa que necessita de ser lida, conhecida, aprendida e praticada.

É-nos igualmente pedido que olhemos o estado de saúde das instituições, pois também este tem consequências no ambiente e na qualidade da vida humana: “toda a lesão da solidariedade e da amizade cívica provoca danos ambientais” (LS 142).

Torna-se assim urgente refletir estruturalmente sobre a forma como vivemos e nos relacionamos enquanto sociedade.

Movemo-nos pela esperança, mas conscientes da necessidade de questionar e criar formas



Teresa Paiva Couceiro,
É Directora da Fundação
Gonçalo da Silveira e faz parte
da Rede Cuidar da Casa
Comum.

alternativas de pensar e agir para crescermos e termos um mundo que seja expressão de Justiça Social, de Democracia e de Sustentabilidade, tendo como princípio o Bem Comum (*Carta Aberta para a Transformação Social*) e convivendo com a natureza não como uma mera moldura da nossa vida (LS 139), mas como parte de cada um de nós e de nós todos.

